

inter

valo



enadifúndio ©

EDIÇÃO
Bianca Ziegler e Raísa
Christina

PROJETO GRÁFICO
Bianca Ziegler

REVISÃO
Raísa Christina

FOTOGRAFIAS
Jamille Queiroz

S729 SOUZA, Bianca Ziegler de. SARAIVA, Raísa Christina Lima
S243 Intervalo / Org. Bianca Ziegler e Raísa Christina.
Fortaleza: nadifúndio, 2021.
140 p.

ISBN: 978-65-89464-03-7

1. Literatura brasileira I. Título

1ª edição
Maio de 2021

Editora nadifúndio
nadifundio.com

Org. Bianca Ziegler
e Raísa Christina

i n t e r *v a l o*

enadifúndio @

I N T E R V A L O
(substantivo masculino)

1. *espaço que separa dois pontos.*
2. *lapso de tempo que medeia entre dois momentos;*
intermitência; interrupção.

Com tantas tecnologias e ferramentas de comunicação hoje disponíveis, fica até difícil imaginar a vida antes dos smartphones. Não importa a geração em que nascemos, de alguma forma fomos criados lendo livros, assistindo filmes e escutando histórias sobre amores que, por meio da troca de cartas, bilhetes, resistiram a guerras, invasões, pandemias ou simplesmente ao fato de que comprar uma passagem de trem, navio ou avião, pra beijar o ser amado muitas vezes não cabia no orçamento. Quando as palavras desafiavam assim a narrativa e a linearidade do tempo e do espaço pra chegar aonde a gente não podia estar.

Afinal, o amor não escolhe credo, raça, gênero.. nem código postal. Quem nunca amou alguém que mora longe ou tentou manter uma relação reinventando formas de sentir perto? A pandemia pela covid 19 está nos fazendo repensar esses conceitos de presença e ausência nos âmbitos do trabalho, da educação, das relações sociais. E mais que nunca também do amor.

Em parceria com a artista visual e escritora Raisa Christina, lançamos essa convocatória para o envio de histórias que aconteceram (ou acontecem) nesse espaço “entre”, no intervalo entre uma cidade e outra, enquanto uma canção termina e outra começa na playlist compartilhada, navegando por ondas que atravessam oceanos e continentes.

INTERVALO faz parte de um projeto que pretende formar uma trilogia de publicações sobre o tema do amor. A primeira publicação (*FISSURA*¹) reuniu textos sobre os corações partidos (que foram ilustrados pela Raisa), enquanto *CHOQUE* reunirá histórias sobre primeiros encontros.

Os textos que compõem este livro dialogam com as fotografias da artista Jamille Queiroz. Algumas das imagens à primeira vista aparentam paz, mas em seguida instauram uma espécie de silêncio intranquilo. É como se houvesse certa tensão contida em cada uma delas, um movimento que arrisca acontecer e assim denuncia algo prestes a ruir – o corpo, a taça de vinho, a pedra, a panela com água quente, o espelho, a perna da cadeira. A distância está nas fotografias como um sopro que encheu os pulmões de ar e depois segurou-se no alto do peito, suspendendo o tempo mais do que se espera, cortando o fluxo das ações que correm incansavelmente todos os dias.

Além dos autores selecionados, contamos com a participação especial de Vanessa Diehl, uma amiga de longa data com quem compartilhamos algumas aventuras em

terras alencarinas e estrangeiras. Hoje ela vive na Alemanha com o marido e os filhos, uma história de muitos anos que começou numa visita do Hannes ao Museu de Arte Contemporânea onde trabalhávamos como educadoras eu, Raisa e Vanessa, numa época em que ele vivia em Fortaleza por conta de um intercâmbio.

Acontece que passamos a habitar um universo à parte quando começamos a imaginar como seria não precisar ir embora, porque as despedidas cansam ou machucam. E se pra ficar junto não precisássemos nos programar tanto, desenhar planilhas com datas possíveis e impossíveis, esperar uma folga no trabalho, um feriado prolongado ou aguardar com paciência promoções de alguma companhia aérea.

Como seria se, num sábado qualquer de tarde, pudéssemos aceitar um convite em cima da hora prum cinema ou não precisássemos criar uma lista pras atividades que faremos quando finalmente o encontro acontecer (que serão sempre adiadas por que no final das contas o tempo passa tão rápido quando estamos juntos que precisaríamos de mil vidas pra dar conta de tudo).

Embora a magia possa estar também tão somente nesse lugar da invenção, dessa possibilidade pra sempre em suspensão. E alimentar playlists a dois, criar listas intermináveis de atividades que nunca vão acontecer ou escrever textos falando de saudade é como assistir *Before Sunrise*² sem esperar pela continuação e entender que não importa se eles não se vejam de novo, aquele encontro valeu pela história de uma vida.

1. nadifudio.com/fissura

2. Filme dirigido por Richard Linklater (1995)

Mas às vezes acontece. Quando dois malucos apostam todas as fichas, contrariando previsões, descompassos, alertas de amigos, os desafios de reinventar uma vida em outro lugar, ignorando as leis da física e da razão tão somente porque um escutou o outro dizer que “se for preciso, eu giro a terra inteira até que o tempo se esqueça de ir pra frente e volte atrás milhões de anos quando todos continentes se encontravam pra que eu possa caminhar até você”³.

A história da Vanessa e do Hannes me faz pensar também em quando vamos de encontro ao amor em algum lugar do mundo. Pra seguir viagem, nos partimos em tantos pedaços, deixando fragmentos de nós nos espaços preferidos da nossa cidade, levando junto também uma fatia pequena de tudo, como as lascas vermelhas da poltrona do cinema do Dragão do Mar e o cheiro da sopinha do almoço no *Annapurna*⁴.

Hoje especialmente escrevo este texto em outra cidade, feliz de finalmente acordar ao lado de quem amo e com quem mantive uma história de distância e saudade por quase dois anos. E ainda assim, nesses dias de frio em São Paulo acordo sentindo falta das plantas e da cachorra que deixei aos cuidados de minha mãe e do calor forte de Fortaleza. Anoiteço então assim, ao meio, um pouco lá e um pouco cá.

E começo a fazer uma lista de coisas que faremos quando a pandemia acabar e pudermos estar com meus amigos na minha cidade ou com a Aurora fugindo das ondas, com medo do mar, em Peroba ou Icaraizinho de Amontada. Sei que em algum momento ele se

encontrará olhando a janela com saudade dos livros dele na estante, preocupado com os prazos de entrega de algum artigo ou relatório. E assim continuaremos, juntos ou separados, de alguma forma sempre longe e perto.

Bianca Ziegler

3. Trecho da Música
Partilhar do Rubel.
Álbum *Casas* (2018)

4. Restaurante vegetariano
e vegano situado no
centro de Fortaleza

VANESSA DIEHL 16

MAÍRA BOSI 22

PAULA COSTA 28

JÉSSICA GABRIELLE LIMA 32

CAIO BALAIÓ 36

TERESA ROSA 42

MARIANA GODOY 46

BEATRIZ FRANÇA 50

ANTONIO JARBAS 56

LARA ROVERE 60

FELIPE SARAIVA 64

ELISA PORTO 68

KLAUSNEY MUNIZ 72

JANAINA FELLINI 76

MEL ANDRADE 90

CAMILA LOSIMFELDT 94

LUCAS GROSSO 98

BEATRIZ CALDAS 102

NAGIBE MELO 106

CLEITON FURTADO 112

CAROLINA TORQUATO 116

JULIANA DIÓGENES 122

ZETTO 126

ANA CAROLINA LIMA 130

*Você fez questão
de dobrar o mapa
de modo que nossas cidades
distantes uma da outra
exatos 1.720 km
fizessem subitamente
fronteira*

(Ana Martins Marques)

**PRA NÓS DOIS HÁ
UMA VARANDA NO
EDIFÍCIO SÃO PEDRO**

VANESSA

DIEHL



O ônibus não chega, me vem assim uma saudade tristonha do nosso apartamento no Edifício São Pedro, lar primeiro da nossa paixão e pra onde levei as duas xícaras de porcelana Brennand que vovó me deu e que vão comigo aonde eu for, como uma forma de ritual. Foi lá no quarto andar daquele prédio velho e quebrado, outrora esplendor luxuoso da cidade, que passamos a morar juntos por dois meses, tempo que nos restava antes de tu ires embora, num apezinho de dois cômodos que nos presenteava com uma pequena varanda de vista para o mar. De vez em quando se via um navio, que saudade!

O ônibus para e eu entro. Transito pelas ruas de Fortaleza e a tua presença ainda é tão forte. Nesse fim de tarde ensolarada de feriado, eu queria mesmo era estar contigo na nossa rede ou de pé na nossa varandinha, alcançando o mar a alguns metros dos teus olhos. O trajeto da linha Parangaba/ Mucuripe é longo, depois de atravessar a cidade, estava prestes a passar pelo São Pedro pela primeira vez desde que nos despedimos. O coração disparou. Quando olhei rapidamente aquela fachada desbotada, lembrei que, por dentro, era um labirinto escuro de cerâmicas vermelhas com grades de proteção nas entradas dos apartamentos. O elevador de tão velho e mal cuidado frequentemente não conseguia atingir o mesmo nível do andar, ele parava e a porta abria alguns centímetros antes de alinhar-se ao piso desejado. Desde o dia em que essa diferença me assustou e eu

tive que me esforçar a fim de sair do elevador, nunca mais tive coragem de usá-lo novamente, desse modo passei a usar sempre as escadas. Com um passado tão brilhante e um presente tão amargo, o São Pedro já foi vanguarda arquitetônica da cidade, hoje percebo que sua história aproxima-se tristemente de um fim que não merecia, assim como muitas histórias de amor.

Ele me lembra do mar, que me lembra de ti, e enquanto o ônibus avança em seu itinerário cambaleante pela Praia de Iracema com destino ao Mucuripe, sigo resgatando as nossas memórias nesse pedaço da cidade que me era alheio antes de tu chegares. Te vejo caminhando pela praia comendo milho cozido, te vejo atravessando a rua em direção ao supermercado, de regata branca, jeans e havaianas. Eu observava da varanda o teu passo estranho. Vejo o bloco que parou na nossa rua e naquele dia nem sabia que já era pré carnaval. Decidimos descer, você de elevador e eu de escada, e de repente estávamos com um copo de caipirinha na mão, extasiados em meio àquela gente fantasiada, seminua e bêbada que cantava e dançava sob o sol forte das nossas tardes. Tu eras desengonçado, eu era feliz.

Antes que minha viagem chegasse ao fim, volto outra vez ao São Pedro e me vejo acordando cedinho com o barulho da chuva numa manhã qualquer. Abro a cortina

e me deparo com a chuva caindo mansinha no mar. A rua ainda está vazia. Te acordo, porque a chuva na cidade do sol é pra ti um espetáculo de poesia e não há como negar que chuva na praia é a coisa mais linda de se vislumbrar.

Talvez aqui ou em algum lugar acima da linha do Equador, a certeza do reencontro me faz sorrir.

Dou sinal, preciso descer.

Esse texto foi esboçado em maio de 2006, abandonado por quinze anos numa folha de papel, mudou várias vezes de cidade e de país, para finalmente ser concluído em maio de 2021. Escrito para tentar amenizar a saudade de um amor que sobreviveu através de cartas, telefonemas e reencontros passageiros. É no fundo uma homenagem ao Edifício São Pedro e a Fortaleza, cidade que aquece meu peito sempre que o frio e a distância me despertam a saudade do mar.

**AMOR
TRÊS**

MAÍRA

**EM
TEMPOS**

BOSI



1.

Era fácil quando eram só 6 horas de ônibus.
Eu gostava de ver a estrada se transformando em São Paulo
e São Paulo se transformando em você.

Um amor maior que tudo, você falou.
Um amor maior que nunca, eu senti. E, por isso, encurtei a distância.
Cheguei a chegar perto, muito perto.
Até demais.
Para você.

Que distância cabe entre dois corpos?
Uma cama de casal tem 1,38m de largura.
Doeu em você, de tão perto. Doeua em mim, de tão distantes.

2.

Mesma cidade, casas diferentes.
Essa foi a receita de distância e proximidade que um dia criamos
para viver o melhor de nós.

Perto o suficiente para estar perto.
Longe o suficiente para não nos misturar.

A cidade,
essa unidade de medida afetiva que tanto nos toca
e que tantas vezes já mudou em nossas vidas.
E a casa,
essa unidade de medida afetiva que ultrapassa os limites físicos
e brinca com a memória.

Mesmo quando a cidade se torna deserto,
as pessoas não se vêem nem se abraçam mais,
mesmo se a gente não se vê nem se abraça mais...

Saber que estamos a poucas ruas de distância,
respirando o mesmo ar poluído
e sentindo a mesma variação de temperatura,
é algo que me abraça e me abastece.

3.

Em algum lugar, agora, você respira e sonha
come, se preocupa e sonha
toma banho, trabalha e sonha
sente falta de algo que ainda não aconteceu
e sonha

sei que você existe
e sonho

que essa distância se desfaça

ja já

TE CHAMEI DE BAE
VOCÊ NÃO OUVIU

PAULA

COSTA



_TE CHAMEI DE BAE, VC NÃO OUVIU

penso em quando não vai ser banal falar que eu penso em você
enquanto lavo as calcinhas e que esse tempo é o mesmo que eu gasto
pra pensar no quanto. pensava em te escrever como ainda me atravessa o nome,
como ainda tropeço na fisionomia, um olho que a pele prende, efeito decote

_PRESSÃO BAIXA

lembrei da frase que amar é saber das pintas na cabeça. talvez seja excludente,
mas eu gosto. me faz tentar lembrar de detalhes, se eu me recordo de anéis,
relógios, das mãos sim, me lembro, mas me escapou muita coisa. os pelos no
ouvido, eu não ligo, é verdade, é quase um pacto, um apelo, não ligue para os
meus também, finge costume, treina o discurso de que tá cansando disso de
aparência, de pelos, eles nascem, resistem, me protegem, de você, do impacto.
quero um dia de praia com a mesma preocupação masculina, nula, sem dor

_DEPENDENDO DA HORA QUE ME FALAM, MEU ASCENDENTE FICA EM PEIXES

ensaio e depois enceno
se estivesse aí
queria estar no teatro
já ensaio o papel com cigarro na ponta da boca, só figurativo,
ensaio às malhas que vou usar, ensaio às entradas no Palácio,
ensaio te ver, quero estar bem, ensaio muito o encontro meio camarada,
sabe ficar de lado com a mão no ombro e não te olhar
reparo você olhando para mim de lado, imaginando seu pé
apoiado na parede, os cabelos da nuca, eu de cabelo diferente,
mas bem, impositiva, voz para fora, postura, gestos adquiridos no teatro,
que não fiz, ensaio

**ARRASTO O DEDO PELA
TELA PRA VER SE
O CAMINHO DIMINUI**

JÉSSICA

GABRIELLE

LIMA



sonhei com você e porta-retratos vazios. isso foi o suficiente pra gastar uma hora inteira de terapia pra tentar entender como tu tinha surgido no meu sono. ainda bem que não demorei muito a compreender o mistério impregnado nesse episódio: duas semanas pra criar coragem e te enviar um e-mail que abriu uma brecha na nossa conexão, aquela mesmo que tinha sido bloqueada um par de anos antes. sim, cheguei a te bloquear. acontece.

desde então, tenho pensado muito em nós duas. já faz mais de dois anos que a gente esteve perto uma da outra pela última vez e a vida era outra.

nem sei mais como deve ser teu cheiro ou a sensação de me perder quando tu abre o sorriso, esse mesmo que tu deve estar abrindo agora enquanto lê e se espanta mais uma vez por essa paixão ter nascido de novo. acho que tu nunca entendeu completamente por que me causa tanto frisson, essa paixão vulcânica de presente-futuro.

passo bons minutos olhando mapas no google. faço o trajeto imaginário pra chegar até tua casa, dez horas de guanabara, vinte e cinco horas de bicicleta, quase 600 km. arrasto o dedo pela tela pra ver se o caminho diminui. espero a reabertura das fronteiras como quem aguarda a boa nova.

**AQUELA DO
ROBERTO
(UM POEMA QUALQUER)**

CAIO

BALAIO



me promete,
ou pelo menos sonha comigo,
que um dia,
quando você estiver lá
na sua nova cidade
e já tiver retirado da mala
a sua vida de Fortaleza
que um dia,
ou melhor,
que ao final
de uma noite qualquer,
em um bar qualquer,
você vai lembrar de mim?

você vai se sentir sozinho,
sem cigarro,
um pouco bêbado,
a fim de falar da roda
ou sobre qualquer coisa,
a fim de falar das retas paralelas

ou sobre as piscinas cheias e vazias.
você vai chamar um rapaz qualquer,
um qualquer que te beijou um pouco
melhor durante o início da noite,
porque você sabe que ele tem um
cigarro,
apenas um cigarro,
daqueles amassados,
fim de festa igual ao teu fim de noite.
você vai chamá-lo,
porque sabe também que ele só vai
te ouvir
e não vai entender nada,
mas pouco importa se ele entender.
você quer alguém que te escute
e te dê um cigarro.
você vai cruzar suas pernas,
dar o primeiro trago elegantemente,
soltar a fumaça lentamente
e começar a falar sobre um cara que

conheceu no Ceará,
que sempre citava *as linhas paralelas
que nunca se cruzam e apenas se
encontram no infinito*.
você vai dar uma pausa séria
e distante,
olhar o céu já quase nascendo.
você vai querer voltar para casa,
pois já não aguenta mais ficar
em um bar qualquer
até tarde.
e na rua deserta,
alguma dessas de paralelepípedos

(por sorte)

não haverá medo entre vocês dois.
ele terá a esperança de alcançar tua
cama, tua calma.
você terá a esperança de que tenha

mais um cigarro qualquer
em casa,
e que o rapaz te escute até a janela
do teu quarto.
ele, talvez, por rebeldia jovial,
aos teus olhos sem causa,
vai perguntar quem sou eu.
você vai dizer que era apenas um
amigo, no máximo,
ou dizer irritado que era apenas um
rapaz também

(por sorte)

ao chegar em casa,
você vai encontrar o tal cigarro.
você vai monopolizá-los.

você vai se posicionar na janela
igual uma namorada.

you vai engolir a seco alguma
saudades, alguma ferida,
mas não vai acender as luzes.
you vai dizer a ele que um dia,
muito sabiamente,
o pintor Francisco Goya disse que o
sonho da razão produz
monstros
e lembrará que eu também não
entendi muita coisa
ou que talvez não tivesse entendido
so para continuar
falando com você.
nessa mesma conversa qualquer,
you também me disse que
narrativizar, contar uma história,
foi o jeito mais confortável que a
humanidade encontrou
para lidar com seus traumas,
que a narração não existe

para divertir,
que ela existe para acomodar
os problemas no tempo da razão.
you vai olhar para ele dormindo
no teu sofá
e vai ali encontrar algum motivo
para gostar dele.
vai tirar os sapatos dele, as meias.
cobri-lo com um lençol qualquer
e vai voltar pelado para sua cama.

antes de dormir,
you vai suspirar bem forte
duas ou três vezes
e vai escorrer uma lágrima solitária,
pesada e objetiva.
you vai pensar que foi sacana
com algum antigo amor
ou lembrar que eu te disse
que menti muito

para um amor antigo.
you vai dormir também
e na manhã de domingo,
quando ele já estiver ido embora,
com alguma desculpa qualquer,
you vai responder, - Qualquer coisa,
tanto faz!
e vai me mandar
uma mensagem qualquer,
dizendo que ontem viu
uma blusa estampada
e lembrou de mim

(por sorte)

vou te dizer, - qualquer coisa,
tenho saudades!
you vai sorrir,
ouvindo no rádio aquela do Roberto.

EM SEGREDO CONVERSO COM HOMENS

TERESA

ROSA



Eles me preenchem por todos os lados, são meus companheiros de vida e de viagem. Mudos, me fazem carinho antes de dormir, fumam um cigarro na janela durante o café da tarde e escutam minhas histórias e as eternas reflexões sobre o cotidiano agitado que voa entre minhas quatro paredes. Em segredo, me olham com olhos famintos de quem quer sempre muito e mais. São sempre homens, masculinos, donos de seus próprios corpos, com suas próprias vidas e vivendo seu próprio tempo junto do relógio sem pilha da cozinha daqui de casa. São eles que me lembram a certeza constante dos meus passos e me acompanham assim bem de pertinho, me veem chorar por aí, dançar, as vezes espernear, e gritar, sim, urrar a potência que existe aqui, bicha da mata. Eu sempre acho que são as únicas pessoas que me conhecem, só pelo fato de presenciarem os meus mais delicados deslizos, esses que, em outros tempos, nomearia de “vulneráveis anseios”. Mas na verdade, esses seres que tanto me desvendam são só sombras. Sombras de desejos, sombras de mim mesma, pedaços de vida sentidos no verdadeiro tempo e espaço. Esses dias, sentada na beiradinha da cama, me olhando pelo espelho torto e quebrado do meu quarto, um deles estava lá, leve, solto, nu, tomando um vinho deitado sobre os travesseiros e rindo das besteiras que eu contava. Sorriso delicioso. E mais, esses homens têm um rosto conhecido e gestos casuais. Exóticos, sempre aparecem no final do dia, mas cuidam em desaparecer na hora do sexo, vão para a minha mente e ficam se revezando me fazendo gozar, sim,

jorrar a potência que existe aqui, bicha da mata. Cansada e satisfeita do alvoroço, acendo um cigarro, olho para os lados e lembro que na verdade não estou nada mais e nada menos que sozinha. Desperto-me na maioria das manhãs sem nem lembrar de quem se deitou comigo. Há momentos em que me sinto louca, idosa de convivência e jovem de ânsia. Há momentos em que isso tudo passa despercebido depois de longas conversas de amor. Inclusive, um deles acabou de voltar, me deu um beijo de carinho, me sorriu apaixonado e seguiu no sentido dos ponteiros do seu tempo. Curiosamente uma vez, meu terapeuta, macho de corpo e felino de alma, me fez direcionadas perguntas para saber se eu não estava alucinando, vendo pessoas ou ouvindo vozes. Eu ri, óbvio. Lembrei-me dos tantos momentos divididos em casa e disse para ele ficar tranquilo, que eu tinha total consciência de que ali quem me fazia gozar era sempre o meu próprio poder de criação. Afinal de contas, muitos foram os encontros presentes que nada me arrancaram. Estar aqui com a lembrança de um sonho e a invenção de um desejo é, mais do que tudo, estar comigo. Em segredo, converso com homens.

**TODAS AS NOSSAS
CONVERSAS SÃO VIRTUAIS**

MARIANA

GODOY



todas as nossas conversas são virtuais
todas as imagens virtuais
nosso beijo é virtual
suas coxas virtuais
seus braços virtuais
não acho ruim já que todos os lugares
são virtuais
e todas as pessoas
virtuais
sem falar que a gente nunca morre virtualmente
resta sempre um passado
ainda que um comentário
nossos textos, nossas músicas
nossos memes compartilhados
porque éramos tão engraçados quando vivos
e o nosso amor que lindo!
salvo
para sempre
nas nuvens.

CORPOS-CONTINENTES

BEATRIZ

FRANÇA



Eu sempre achei que eu fosse uma pessoa que não tivesse problemas com a solidão. Assim, aquela solidão escolhida, quista, desejada. Solidão de final de domingo ou de quem monta sozinha aos poucos e com uma deliciosa paciência um quebra-cabeça. Entretanto, o que me vem agora é uma solidão física. Fria, distante e silenciosa. Minto. Não silenciosa. Totalmente, opaca.

— Então, isso não é amor. Isso é demonstração de amor.

Foi isso que ouvi. Relatei que amor era quando você viaja sem querer para um lugar com pessoas que você não gosta. Voltando para casa, o carro dá um prego. Você envia uma mensagem para uma pessoa. A pessoa. E ela responde: Estou indo buscar você. E busca.

— Eu tenho essa memória — me emociono enquanto falo — Achei isso tão tão bonito. Nunca esqueci. Apesar de tudo, essa foi uma das coisas mais bonitas que vivenciei.

— O amor ou a demonstração de amor?

Me silencio. Já não quero mais falar. É difícil pra mim nessa distância não me

encontrar com alguém. Não topar com uma pessoa conhecida no bar. Não escolher uma solidão na multidão em uma livraria ou na praia. Tenho saudades imensas das chegadas. De receber. De ouvir dela ao entrar em casa que encontrou Fulana e que ela terminou com Sicrano. Acredita? E eu me levantar da rede e dizer: Eles eram tão bonitos juntos. Aí tem!

Nem memes, nem fotos, nem textos, áudios, vídeo-chamadas abarcam em mim a ausência da demonstração do amor porque é como aquele cheiro de gás que a gente sente escapar. Coloca-se o cheiro para sabermos que existe. E que queima. — Você se sente amada? Você sabe que é amada?

Confirmo com a cabeça. Sei sim. Mas, penso que entre a ponte do saber e do sentir, quantas léguas nós temos que percorrer? Respondo:

— Isso não me basta. Deve ser uma ultra romantização do afeto e até do sexo. Talvez esteja na hora de desconstruir. E em seguida, reconstruir algo melhor no lugar. Penso na distância em que estamos uma da outra, sabe? É algo que não se escolhe mesmo que se queira.

Nós duas silenciemos novamente. É um espaço de reflexão. Depois, ela me diz

com até uma súbita animação:

— Tenho visto que está difícil ficar sozinho porque estamos de frente o tempo todo com nós mesmos. E que os casais estão levando isso para eles. É como se atravessasse. Geralmente, sempre colocamos algo pra fazer. Temos que fazer. Precisamos estar em algum lugar específico e vivenciando e experimentando uma coisa particular. Agora, saímos de nós para nós mesmos e quando voltamos lá estamos nós não tão diferentes nem iguais aos que estávamos antes. E tudo ali, de frente para o mesmo quadro, na mesma cozinha e dormindo no mesmo quarto. Imagina isso tudo dentro de casa?

— De que distâncias estamos falando, né?

— Uma vez, conheci uma pesquisadora que trabalhava no Ártico. Isso mesmo. Ela só ficava em casa dois meses. Quando estava no gelo, não tinha comunicação. Era apenas ela, o grande gelo e sua pesquisa. Não dava para saber porque ele, o marido, tinha trocado o sofá por um tão cafona e sem graça. Mesmo assim, ela não reclamava, sabe? Achava feio. Mas, pensava que isso era o que tinham escolhido e estavam vivendo o que tinham escolhido. Uma pesquisa no Ártico, uma monogamia e um sofá cafona.

Sorrio um pouco. É um delírio e de tão delirante, melancólico e frustrante, se torna engraçado. Dra-má-ti-co. Não tenho mais respostas, gostaria que me procurassem, me dissessem que sentem minha falta, que sou importante e que vamos ali marcar uma cerveja e dar aquele abraço. Enquanto isso, também estou com saudade dela, também estou com saudade de nós.

OUTRAS

ANTONIO

PESSOAS

JARBAS



manter contato (o desejo de)
supõe secretamente a suficiência
do esforço aplicado
para o início da espera por
respostas

truques das coisas antes
de sabê-las perdidas

o alcance é, de alguma forma, restrito
à distância entre o que se aparta
e outras lesões resultantes
do mesmo engano

um facho mostra a vidraça
limpa demais, linha sem pontos
prolongando a continuidade do que
se reflete transversalmente
como uma interrupção

outras coisas acontecem com outras
pessoas.

ESSE NÃO É MAIS UM TEXTÃO DE WHATSAPP

LARA

ROVERE



Hoje

Linda,
É assim que eu te chamo desde aquela madrugada em que tu se viu refletida nos meus olhos e meus olhos se tornaram muito mais do que pupila, íris cor de chocolate e outras partes que não sei o nome, nem tampouco quero gastar tempo das minhas horas devotas de saudade pesquisando.

Te chamo assim e tu pode me chamar do que quiser, desde que minha alma - também desnuda enquanto o colchete do meu sutiã insiste em atrasar o encontro dos nossos seios - siga em chama. Curioso tu me dizer que se sente assim, feito criança a mirar o mar pela primeira vez, entre a beleza e o espanto de se ver cara a cara, corpo a corpo, com os mistérios do mergulho iminente. Eu me sinto exatamente como sou agora, mulher feita, que não deixa de se embasbacar quando diante do fogo, seja faísca de vela ou fogueira de São João.

Desde já, quero que saiba: amo tanto café coado e torrada que, se pudesse, tomaria café da manhã também no almoço e na janta. Se pudesse, tornaria o dia inteiro nossas madrugadas de ver o sol nascer e te ofereceria, nessas costas largas dos anos de natação, carona para um planeta onde amar não precisasse

machucar tanto.

Onde o nosso amor, em vez de inventado, intervalado por dias que parecem cem anos de solidão, pudesse ser reinventado nas asas da rotina.

Retina, era esse o nome, minha Carolinda! A parte dos olhos sensível à luz. Cada sentido, partícula, carne, alma, osso, cutícula... tudo meu é sensível a ti.

Te espero, quente e úmida, mesmo que essa onda devastadora demore a passar e que teus plantões sigam a emendar em loop infinito.

Desde já, quero que saiba: que nenhuma expectativa minha te caiba! Esses olhos, ainda que com uma generosidade apaixonada, são uma moldura deveras pequena pra ti.

Te prefiro de moletom do que de jaleco.
Te prefiro aqui, comigo, mesmo que não haja mais nada, nada, além das nossas madrugadas.

00:15 ✓

**DISTÂNCIA
NÚMERO**

FELIPE

É

**UM
PAR**

SARAIVA



I.

Enquanto googlo
os benefícios do repolho
com que receita tua começo o almoço
ao passo que o gato me pede comida
lembro de ti
revivo o tanto teu que já habita a casa
desfilando a certeza de que
só assim
a gente resiste
um pouco mais

II.

um ecossistema é o conjunto
findável de coisas infinitas
em que a troca de energia entre
os habitantes consiste - em termos
humanos - na comunhão
o bem querer para o bem comum
ninguém pode determinar limites

dimensionar sua importância
ou fazer dele um frio conjunto
de números
um ecossistema é a interação
entre dois fenômenos são
organismos vivos e elementos
naturais como a pedra
e o tapete de plantas sobre ela
o pássaro que vocaliza a tarde

se ele faz uma promessa
explana seu desejo ou só
canta
não há o que tentar compreender

III.

como um dia alguém soube
que dois e dois são quatro
e os números envolvidos todos
pares

como algum dia alguém despertou
sem despertar
e continuou tecendo na memória
o sonho bom de algum pássaro
vespertino.

**FADO
&**

ELISA

**N.5
DIARIAMENTE**

PORTO



FADO N.5

como se fosse possível
psicografar
minha alma anciã
inventa histórias de outros tempos
de povos distantes
como se fosse possível
deslizar
a fina membrana que separa
as dimensões
te encontro em sonho
construo um lugar seguro
um pequeno bolso costurado

DIARIAMENTE

na areia da praia do poço,
miro o horizonte que aponta em tua
direção. do outro lado. além mar.
o pensamento risca um traço.
calcula o tempo em braçadas.
– e se Moisés... (quase pergunto)
tento te dizer coisas (em silêncio)
enquanto ouço canções que gostaria
de ter escrito.
exercícios matinais de telepatia
aplicada. a mensagem de fumaça
atravessa territórios de dimensões
continentais.

DES

KLAUSNEY

(ENCONTRO)

MUNIZ



A gente se conheceu no toque,
Depois na tecla,
Depois no vício,
Depois no viço.

A raiz do nome dela é
de um lugar sem parede,
Sem teto e sem léxico,
Mas o latim vai se encarregar
de inventar uma origem
para nós dois,
Origem com O maiúsculo.

Todo santo dia ela aparece na tela,
Parece até uma santa
com manto e pixels,
Me manda textão
E eu encho o bucho
com todas as letras,
fonemas

E largo os ossinhos
das vírgulas no prato.

Esses dias fizemos uma transferência,
Debitei um saldo de saudade
E ela me deu mais um bocado
Com direito à nota fiscal e tudo mais.

“Não realizamos devoluções”,
eles disseram
Mas eu vou espernear até dizer chega,
Vou falar que os juros são injustos,
Vou gritar no ouvido do homem sujo
de terra que gira a manivela,
Vou pedir pra parar

Duas cidades era muito pouco,
sete palmos agora é demais.

D E S A M O

JANAINA

FELLINI



Vesti ligeira uma calça rosa clara e uma blusa listrada. Saí para o ponto de ônibus no horário indicado pelo aplicativo, mas logo tive que mandar uma mensagem: - o ônibus está atrasado. Vou atrasar, ok?

Entrei no Laboratório, fiz minha experiência e, já nesta, a primeira saída, eu fui ficando:

- Onde é que foi mesmo que teve uma sincronicidade? Ah lembrei, fui fazer uma massagem ayurvédica e vi seu cartão de visitas no mural: Janaina Fellini.

Era o primeiro local que atendi como terapeuta em São Paulo.

Finalmente saí da conversa, que da minha parte já poderia seguir para o boteco naquele dia mesmo. Mas Gabriel, o pesquisador, me acompanhou até a saída. Notei o movimento involuntário no seu ombro direito na despedida, e achei que talvez houvesse um pouco de tensão no ar. Peguei o último ônibus do campus da universidade naquela noite.

Voltei, meses depois, para uma segunda rodada do experimento e, desse dia, não lembro de absolutamente nada.

Estava caminhando na rua em Vitorino, cidade onde nasci, quando resolvi colher algumas flores que me acompanhavam no trajeto. Puxei um maço que saiu com raiz e terra ao redor. Chacoalhei a terra e no meio daquele arranjo bruto, encontrei uma pedra lilás, linda e brilhante. Segui caminho, com as flores e a pedra, cada uma em uma mão. Da rua, emergiam insetos coloridos lindos e brilhantes enquanto

eu caminhava. Cheguei na porta de uma casa que tinha todas as paredes brancas. Não eram em si paredes, senão filetes espessos de luz branca perolada. Na porta desta casa, Gabriel me esperava. Entreguei a ele a pedra, me aconcheguei naquele abraço quente e ali nos misturamos com a luz até o sonho acabar.

Finalmente cheguei ao Rio, com a desculpa do show de lançamento da UMA, trio no qual eu mesma canto, e para encontrar Gabriel, poucos meses depois do sonho. Nesse intervalo, falávamos com frequência sobre os assuntos mais variados. Eu quando não tinha o que dizer, inventava, só para cultivar vagarosa, a alegria de ter alguém que respondia tão sensível e inteligentemente, sempre acrescentando, nunca encerrando. Sempre tinha algo mais a ser dito. Um universo prescrito e inventado de lá pra cá, de cá pra lá. O primeiro álbum que mandei, me lembro, queria acertar o gosto, chutei um som neutro, meio *easy going* da dupla Rising Appalachia. Vídeos, áudios, fotos, piadas, sonhos e sonhos... respostas rápidas, demoradas, nunca abandonadas, vindas de um movimento vivo, um plano bom. Um organismo se constituindo sem pressa e sem compromisso.

Assim, a primeira coisa que fiz quando o show terminou foi me deitar no ombro dele, curtindo a ressaquinha do *after* de adrenalina, e procurando o aconchego ilógico do sonho na realidade. Tem coisa melhor?

Eu estava confusa. Gabriel em nenhum momento usou qualquer artifício típico da artilharia masculina. Sem cantadas, sem mensagens subliminares. Só atenção e

presença permanentes.

Fui à festa no sábado, convidada por ele, sem saber o que esperar. Ele calmo, eu nervosa. Ele atrasado, eu adiantada. Ele e eu rindo e chorando com as nossas próprias histórias.

Chegamos em casa. E eu mais nervosa, recebi o calmo convite para sentar no sofá. Ao contrário do que, acostumada aos artifícios típicos da artilharia masculina eu esperava, Gabriel apenas pegou um livro de fotografia, abriu em uma página e nos dedicamos à tarefa de decifrar alguma possível mensagem contida nas imagens. E assim foi um aconchego progressivo, como um filete de água direto da fonte, que desce a montanha, calmo e cristalino, até o seu destino final: algum rio em curso sem controle, onde só é possível se deixar levar pela correnteza.

Nessa noite eu soube que estava diante de uma experiência inédita na minha vida. Havia ali um homem dentro de um homem. Um rio por debaixo do rio. Um território cujo mapa eu não possuía. Gabriel é lindo dentro e fora, é comunicativo, charmoso, criativo, celebra tudo, é gentil, sensato, inteligente, tem metas, sonhos e uma coisa bonita, virginiana de algumas pequenas rotinas que organizam também o agitado cenário interno. Ele mexe o ombro direito involuntariamente quando fica nervoso, contrariado ou vai explicar algo com o máximo de cuidado para que as pessoas entendam. Uma espécie de comunicação intrínseca do corpo que não se aguenta em si mesmo.

Uma carta de tarô do sol, um convite para passar uma temporada no Rio de Janeiro e 4 dias depois, uma proposta para um acampamento no meio do caminho entre Rio e São Paulo. E eu tinha outro compromisso...

20 dias depois, Gabriel desembarcou em Curitiba. Eu errei o dia da sua chegada. Sim, errei o dia da chegada deste homem. E não fui busca-lo no aeroporto. Nos encontramos à tarde e lá estava eu de novo, no segundo ataque de pânico com paralisia. Nunca alguém sentou numa mesa de café comigo e abriu o *maps* para localizar a cidade de onde eu vinha e ouvir dedicadamente as minhas histórias. Enquanto eu pensava sobre se realmente aquilo estava acontecendo, já me vi tomando vinho na casa de um amigo dele e no dia seguinte de outros amigos e assim até o final da semana. Vídeos, músicas, histórias, pertencimento. É... Em se tratando de realidade já introjetada, estava difícil para mim, decodificar a experiência. Que falta de repertório!

No final de semana, chegamos na Ilha do Mel. Antes de pegar a barca, mostrei uma das músicas que mais ouço na vida. “Plantar, regar, colher, monossílabos de agouro...” e foram noites de música e céu, dias de mar e sol. Assim como eu, esse alfabeto não tem recursos para descrever o significado de cada tempo convivido neste cenário. Alguma coisa nesse homem me acalmava. Pela primeira vez adormeci com alguém na beira da praia. Pela primeira vez, vi uma estrela cadente. Claro, não comentei isso com ninguém. Afinal, onde já se viu, nunca ter

tido o favor de uma estrela cadente do céu que desaba todas as noites nas nossas cabeças.

Antes dessa viagem, conversei com uma grande amiga, grande mesmo. Disse a ela que estava ficando com o Gabriel, que sentia muito pelos atravessamentos, mas que eu não estava fazendo nada para impedir o movimento. Fiz essa escolha. Camila nunca mais falou comigo.

E eu plena, feliz da vida, com o coração calmo como nunca, e a confiança expandida, como sempre, descansava ali, sem entender muito, só indo. Sabia que estava longe de entregar o que podia, mas alimentava uma certeza inocente de que haveria tempo para o desenvolvimento da intimidade, para o decifrar dos novos códigos, para o olhar mais desprotegido. Tempo para as perguntas que queria fazer, para as dúvidas, para as músicas que queria tocar morrendo de vergonha, para as massagens com óleos quentes, vaporizações e feitiçarias. Tempo para sobrepor esse inominável comportamento que se apossou de mim, me enchendo de pudores, vergonhas e silêncios nessa relação embrionária. Enquanto Gabriel mostrava tudo e me encantava com o seu mundo, eu escondia tudo. Desespero involuntário sem explicação.

Quando vi uma brecha na agenda, lembrei do convite para a temporada no Rio de Janeiro, respaldado pela carta do sol. Senti uma pontada de dúvida, mas é tanta camada de senões que me ative a voltar na conversa do *whats*, conferir se

realmente o convite tinha lastros de realidade e não seria só um delírio perdido no meu confuso mapa. Peguei a primeira promoção que apareceu, escolhi a data e caí de novo no limbo. Na verdade, sabia que tinha algo estranho, diferente, uma contradição no ar. Uma distância já velha conhecida, sem nome ainda. Com a passagem comprada, pedi uma opinião para uma amiga e me reforcei. Enrolei-me por dias para perguntar ao Gabriel (como se já não tivesse a passagem comprada), o que ele achava. Eu toda empolgada, mantendo a linha confiante e discreta, mando mensagem e recebo a seguinte resposta: Ah legal, vem sim.

Legal vem sim... a realidade começou a se misturar. Se de um lado, eu tinha uma experiência em pleno desenvolvimento, com tudo que considero fundamental, apesar de inédito, assustador e paralisante, de outro, tinha uma ausência, uma estranheza que começou a bater depois desse tempo. Mas quem vai querer acreditar na realidade real diante da realidade sonhada e que parecia paralelamente tão real? Eu, do ponto de onde podia ver tudo isso e ao passo em que ia aprendendo a tocar levemente nessa atmosfera como minha também, não tinha condições de ver o que estava se desfazendo. Seria muita contradição. Dei uma pirada, uma equilibrada, juntei a minha dignidade e fui. Passei muitos dias no Rio. Me sentindo um pouco elíptica, me culpando horrores por ter comprado a passagem para ficar tanto tempo com uma pessoa que oras parecia super dentro e presente, oras estava completamente fora. E eu confusa e paralisada. A essa

altura, possivelmente, já mentindo pra mim mesma. Ou quem sabe, quem dera, só me adiantando ao que viria no futuro. Antes de eu ir embora, uma manifestação de carinho, enquanto ele passava os dedos no vão entre a minha blusa carmim e a calça jeans: - ah não vai... Achei sincera.

Gabriel errou o número do prédio onde mora, ao me passar o endereço. Ao abrir a porta, notei um grau mínimo de obrigação no evento. Claro, muito discreto e contornado pelas ações que o percebi praticando, mas fiz-de-conta que não vi, para não me sentir ainda mais constrangida. E confusa. E sobretudo, para não deixa-lo perceber que eu estava percebendo.

Às vezes Gabriel me enchia de perguntas. Não era filete de água. Era cachoeira descendo a quebrada depois da tempestade. E eu perdida ali naquele chão sem dono de mim mesma, tinha pouco sucesso na precisão das respostas: qual é o prato que você cozinha? Se masturba todo dia? Tantra? Transou com mulheres? Com 3 pessoas? Já usou aplicativo? Já pode se apaixonar? Tem barraca? Ayahuasca? Já comeu cogumelo? Conhece esse livro? Entre uma piscada e outra de olhos, eu tentava decifrar minha própria história percebendo que não tinha nem o mapa de mim mesma. Ainda faltam pedaços.

Uma noite, dessas de sono amontoado, acordei sentindo a mão do Gabriel me puxando pra perto dele. Eu, nessa pequenez miúda de repertório e corpo, por um micro tempo sem medida, me vi ali, naquele ato simples e sonâmbulo, uma mulher

sem defesa. Uma mulher fora de uma mulher. A entrega total. Sem resistência, sem medo, sem faltas, sem culpa. 20 centímetros de arrasto e plenitude. O momento mais sublime de todos. A sensação mais segura e maravilhada. O encaixe da história duvidosa nos nossos corpos àquele instante, plena. Minha lembrança predileta de tudo que vivi nessa espiral fora da minha conhecida rota.

Depois disso foi ano novo, pousada, rio, trilha, casa de mãe, pedal, flor no cabelo, cafés, amigos, planos para viagem de bicicleta, parceria. Eu plena, arrasando no rolê. Eu perdida, silenciando cada dia mais, meu vórtice de luz encantado. E no final dessa temporada, o primeiro silêncio do Gabriel. Sumiu por cinco dias. Eu na Ilha, lugar onde aqueci meu corpo e coração com o dele na beira da praia escura. Estrela cadente, sol, pedal e banhos de mar nos incontornáveis e indescritíveis momentinhos que no meu mapa agora começavam a ganhar algum corpo. Ele, fora. Tivemos o primeiro desentendimento declarado e o começo da minha viagem de volta para a realidade. Ecoa ainda agora no meu caleidoscópio desmanchado: - eu não to apaixonado. Mas posso ficar... (que crueldade). Não imagino meu futuro com outra pessoa. Casamento, filhos, nada disso. Quero uma relação aberta. Não sei se é o remédio. Fiquei com febre, dor de garganta. Essas bruxas... volta da ilha, silêncio de novo, eu despedaçando e ele fora. Pedi pra conversar porque tive a consciência de que não tomar essa atitude, seria permitir que tudo isso se tornasse mais um bolsão de silêncio pendurado em qualquer despensa do nosso

mundo para sempre.

Alguns dias antes, fui surpreendida pela reivindicação: - essa relação não tem espaço pra conversa. Espaço que nunca foi pedido, verbalizado, criado, sinalizado de forma inteligível no meu alfabeto. Estava crente no tempo para o desenvolvimento do meu novo abecedário e GPS. Mas de repente tudo foi como se eu precisasse estar pronta já. Urgentemente me aligeirei com o que pude. Voltei para a terapia, fiz um curso na casa Prazerela, fiquei de olho nos cursos tântricos. Sozinha, é claro. Assisti as melhores e piores lives, vídeos e textos sobre relações abertas. E aceitei o desinteresse do proponente para relação aberta, o próprio Gabriel, como um desencadeamento exagerado da minha parte. Mas sei lá, mesmo não admitindo, na verdade, queria ver esse esforço de alguma forma. Seguir o Papo de Homem, o Macho da Relação, os textos de Foucault, essas coisas... uma ajuda na nossa travessia. Um sinal de carinho por todo aquele universo pulsante e vivo de um tempo em que não podíamos nos encontrar. Cultivamos meses de trocas e quando a realidade nos propiciou encontros de verdade, não sei... acho que não deu tempo de desenvolver os meus receptores novos. E sim, Gabriel sempre foi muito pra mim.

Na noite, do desentendimento, na ilha, chorei compulsivamente. Falamos ao telefone, e depois fui com o trio, mais um trio de mulheres onde eu também canto, até a praia. E pela primeira vez, vi plânctons na minha vida. Corremos,

rimos, choramos todas, até cansar e sentar na beira da praia. As três esgotadas, abraçadas, abduzidas pelo pó das galáxias, nos acalmamos e fizemos um ninho. Eu carregada de lembranças e desejos, adormeci no ombro da Gabi, que adormeceu no ombro da Thaís, que adormeceu no outro ombro da Gabi. Não sabemos por quanto tempo ficamos ali, dividindo os sonhos e os desejos com o mar. Respiro. Daí pra adiante, foi só abandono. Eu me senti insegura, passei a filtrar as mensagens que mandava, me sentia inconveniente e Gabriel sumia aos poucos. Passou o carnaval e nada de convites para um reencontro, pelo menos um acerto mais condizente com a nossa história, um movimento em direção a algo, um retorno sobre o que aconteceu. O silêncio tomou conta dos nossos corações. Eu, de quarentena, o mundo acabando lá fora, e uma tristeza me consumindo por dentro. Ritualizando e correndo atrás do meu mapa. Ele brevemente desaparecido, e as trocas de memes e figurinhas, seguramente não tem nada a ver com a nossa troca verdadeira. Virou um protocolo.

Uma tarde tive uma ideia. A ideia de reaver meu lugar nessa relação. Afinal, se nada tinha mudado desde que tivemos nossas ultimas conversas, um silêncio poderia significar uma busca, uma internalização, uma melhora de algo, um: quero muito te ver depois da quarentena. E escrevi tudo. Abri meu coração mesmo. “Saudade de quando eu não tava nem aí, compartilhava tudo e ainda me sentia a conquistadora do cara que conquista todo mundo.” Mandeí a mensagem me tremendo inteira. De

medo da resposta, de já saber a resposta, de não ter resposta. Chorei um pouco, conversei com uma amiga que também chorava por outro motivo e choramos à distância. Senti tanto frio que fui me acalmar numa automassagem, aquecendo meu corpo e tomando um banho escaldante. A resposta veio: “o lance é que estou gostando de outra pessoa. E to com a sensação de que agora vai”.

Aí é a hora do desespero, do desaterro, do chão sair voando e de procurar um chão no abismo. Assim, nessa mensagem. Nenhuma ligação, nenhum cuidado. Todo nosso organismo já frágil, deslizando pelo ralo sem dignidade, sem cerimônia. Como devem ser as relações líquidas da contemporaneidade. E online. Quanto menos humano, melhor. Mais rápido. Quanto menos luto, melhor, menos se pensa sobre. Quanto menos rituais para escuta e fechamento de processo, mais rápido o esquecimento substitui uma coisa pela outra.

Inevitável exercitar a imaginação: com certeza é uma pessoa mais nova, tântrica, tatuada, ousada, sexy, dirige bem, cabelos longos, passaporte carimbado, come comida japonesa, fala várias línguas, bem sucedida e com um rosto contornado de confiança e amor próprio. Amiga da Lívia. Sacerdotisa do baile do tesão purpurinado.

Não há nada mais estilhaçante para um coração em despedace do que imaginar-se mais humana do que a outra. A elfa que veste camisolas brancas transparentes e toca ukulelê no café da manhã. Essencial para a recordação de algo tão, tão

profundo, tão cultivado, tão querido e que num instante assim, se vai sem avisar. Sem rota. Só cada um por si mesmo.

Lembro-me da história da La Loba. Ela canta e seu canto ancestral, tribal, brutal até, pelo som, refaz seu corpo. Ossos carne e pele. Ela sabe o começo e o fim de toda vida. É para isso que vaporizamos nossos úteros. É para isso que abrimos nossos corações. É para isso que nos fragilizamos com coragem.

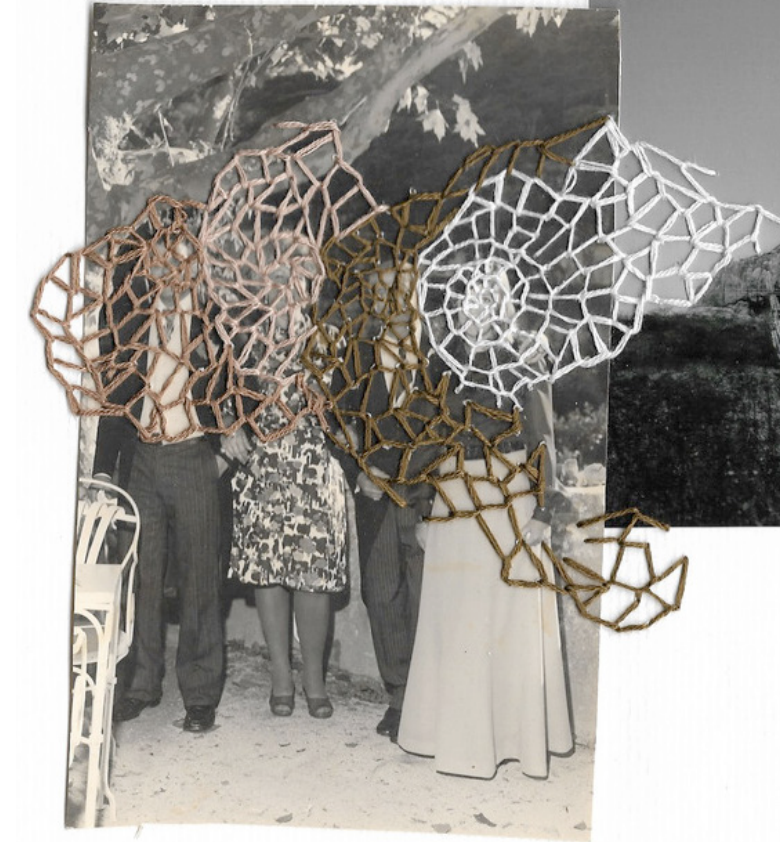
Tão abrupto e desmedido quanto esse fim de algo tão lindo e tão sutil, essa ex-tória narrativa se encerra sem um fim. Não é feliz, nem infeliz. Eu não posso escrevê-lo, o fim. Não é minha responsabilidade, nem escolha. Eu nem sequer soube dele. Deixo o branco para que se complete com o tempo, com a poeira dos dias, a cobrir meus sonhos lindos e brilhantes, reais e noturnos. Sonhos de uma mulher não pronta. Uma mulher dentro da outra. Não me arrependo, nem me animo. E desamo, porque sou obrigada.

FIO

MEL

PRATEADO

ANDRADE



*do meu corpo
saem fios
de toda parte**

Quando criança, minha mãe dizia que nós duas temos um fio prateado que nos liga desde que eu estava sendo gestada. Não importava a distância, nem se pessoas e carros passassem entre nós duas, nem se uma de nós ficasse com raiva: o fio nunca seria rompido. O fio prateado passou a fazer parte da minha imaginação e da minha rotina, ele estava lá, sempre. E se ele estava lá, minha mãe também estava.

Como podia esticar, se eu estivesse em um local público, conseguia vê-lo entrelaçado por entre as pessoas e bastava segui-lo para encontrar minha mãe. Quando estávamos pertinho, ele ficava pequenino.

Às vezes acontecia de outras pessoas ficarem entre nós duas, o que fazia o fio esticar demais, nessas situações tínhamos que passar o fio por cima delas ou darmos a volta até que voltasse ao normal.

Seguia reluzente.

Prestes a fazer dez anos de idade, após uma situação traumática, eu e minha mãe passamos a morar separadas, vivendo a distância de dois mil quinhentos e quarenta e cinco quilômetros. Desde então, não voltamos a dividir casa e havia, de

tempos em tempos, uma distância nova para ser contada. Sete mil cento e trinta quilômetros através do oceano atlântico. Duzentos e noventa e oito quilômetros entre dunas e lagunas. Três mil cento e quarenta e um quilômetro rasgando a caatinga e a mata atlântica.

Durante os últimos vinte anos, nossa comunicação viveu diversas fases: os telefonemas semanais que duravam entre duas horas; as chamadas perdidas porque eu não queria atender; as chamadas perdidas porque minha mãe não ouvia o telefone tocar; as ligações de vinte minutos porque era muito caro ligar do exterior; vivemos períodos de troca de cartas e presentes via correios; emails longos; ligações para contar sobre as conquistas; ligações para chorar a saudade; um almoço de dia das mães via Skype quando ainda era estranho fazer esse tipo de chamada de vídeo; trocas de corações nas fotografias postadas no Facebook; muitas mensagens trocadas por Whatsapp; mais muitos áudios em que minha mãe esquece o que ia falar mas continua gravando; chamadas de vídeo via Whatsapp. Dentre tantas tecnologias, o que me faz ter certeza de que ela existe ainda é o fio prateado que, apesar de ter sido tão esticado e ter tantas outras pessoas entrelaçadas nele, continua reluzente.

**DOS
DE**

CAMILA

**MISTÉRIOS
AMAJARI**

LOSIMFELDT



entre o teu corpo e o meu, longo espaço
geograficamente negativo. 5790 km de são paulo até lá
chegando em manaus, o trajeto reduzirá para 957 km
os mesmos números se repetem
com apenas uma diferença de lugar e um zero
um vazio
em dias de isolamento
de novo essa coisa tempo, espaço e ausência nos atravessa
saindo cedo, seguirei pela br 174, para cruzar em tempo a reserva *waimiri*
em cada deitar do sol, ao que nos antecede
durmo deleitar eu, você, nós
a estrada até boa vista eu conheço.
já os mistérios de amajari ao platô de tepequém
desconfio que seja preciso embrenhar e se perder contigo

EU NÃO SAÍ DE CASA

LUCAS

GROSSO



olho meus vizinhos
do prédio da frente
pra tentar completar
essa experiência
que nós compartilhamos

morar na mesma rua
ouvir toda sexta-feira
milhares de motos que passam
tornando muito difícil ouvir a TV
a barreira de som que dura
15 segundos
o barulho de caminhões
e betoneiras subindo a rua
os cachorros que latem em conjunto
quando passa algum na calçada e
claro o carro do ovo do gás
e da pamonha

não é só o som

o que nós compartilhamos
mas o som é a experiência
mais tangível porque eu não sei
o que eles veem quando olham pra cá
e não sei o que veem os vizinhos
em cima ou embaixo

somos uns dos outros
televisões quase mudas
mas com enredos variados
somos uns dos outros
o *sitcom* diário
e um pouco do mistério
do que é viver aqui nessa rua

os barulhos são o que nos une
os barulhos serão nossas memórias
temos poucas variações
embora sejam muitas vidas
são as motos são os carros

são os caminhões os cachorros
os passos que fazem de nós
uma vizinhança unida

cada um em sua janela constrói sua
própria narrativa e completa as cenas
e as personagens como quiser
sermos muitos e diversos
e ainda assim não sermos
completos
é a nossa forma de viver

I N T E R L Ú D I O & FICÇÕES TEMPORAIS

BEATRIZ

CALDAS



INTERLÚDIO

Seus sons ainda provocam
Abalos sísmicos

Barulho de concha quando coloco
Em meu ouvido

Às três da manhã
Brigo com as quedas,
Falhas de volume

Brigo com o brilho
Da tela, nunca tão intenso
Para quem está longe

Minha língua
Arrasta no céu da boca
Tentando sentir qualquer
Resquício

Do gosto da sua

Procuro por digitais
Em minha pele
Enquanto deito nua

E nada traz
Você para o ponto
Propício para o impacto

O que chamam de distância
Nada mais é
Que a loucura se instalando
Entre atos

FICÇÕES TEMPORAIS

Diria que alteramos
As convenções
Cronológicas
Como se o tempo
Fosse apenas
Uma ficção ilógica

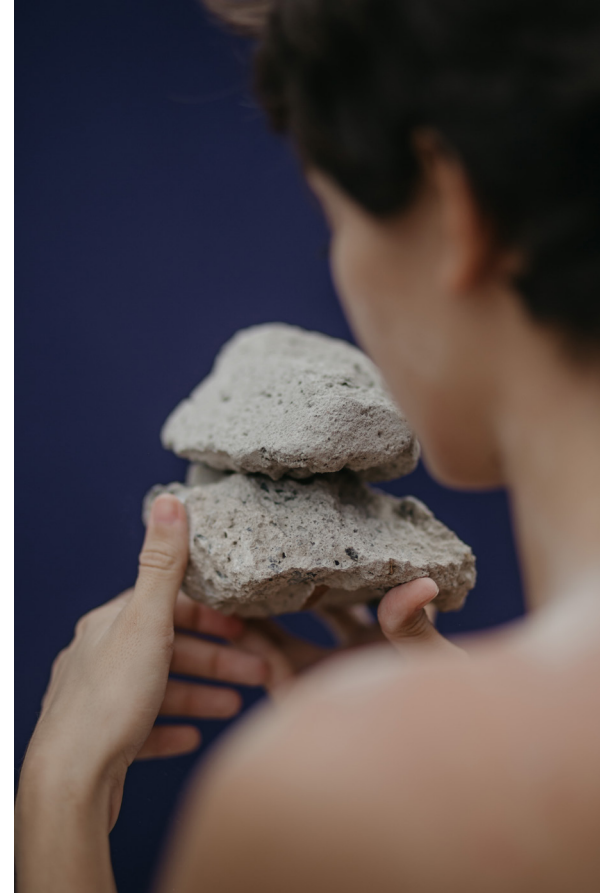
Diria que perdemos
A noção dos termos
E os relógios
E foi assim perdidos
Que achamos algo
Só nosso

O DOS

NAGIBE

VAZIO DIAS

MELO



A confusão dos seus dias me atormenta mais que a confusão que o vírus espalha pelo mundo. Você fala como se fosse tudo definitivo entre nós, mas a vida é uma dança sem começo, sem final. No penúltimo compasso, sempre me imagino ao seu lado. Quando penso no que tenho sido, concluo que ganhei novas e profundas tonalidades de sentido quando a sua vida tingiu a minha. Agora, parece que estamos em extremos opostos, você no frio, aquecida por uma xícara de jasmim; eu nesse calor infernal, me refrescando com a água do mesmo pote que matou a sede de Raquel. Gosto de mantê-lo aqui na cozinha. Gosto de fazer a água repousar nele até adquirir o sabor do mesmo barro que pisei menino. Gosto de lembrar que, quando você bebia dele, no caneco de alumínio, a água doce escorria pelos cantos da sua boca e molhava seus seios nus, semicobertos pela minha camisa, e você me olhava de um jeito como nunca me olhou mulher nenhuma.

Já não passo mais as noites acordado. Desisti de entender, desisti de tentar te fazer desistir, desisti de te prender, te deixei partir. Durmo, sonho impossíveis sonhos de nós. Mas o que é impossível? Há algum tempo você diria ser impossível viver das palavras, de histórias, de dar sentido ao mundo. Eis você vivendo o impossível, iluminando olhares.

Sim, ainda penso em tudo que vivemos. Sempre. Será que foi um sonho, desses

que hoje me permito sonhar? Não, as lembranças de ti têm outra textura, são tão reais quanto o calor do sertão que me seca ou a água do pote que me refresca. Essas lembranças nem precisam ser evocadas, elas se movem, falam, escrevem, vivem em mim. Eis porque, de certo modo, é impossível te perder. Nos momentos de desespero me consolo com isso. Sei, de certeza certa, que estou nas suas poesias, ainda quando você me nega, como te carrego em mim, ainda quando me esqueço.

O nosso encontro foi um milagre incompreendido por ti; por nós, na verdade, mas especialmente por ti. No que construímos nunca encontrei lugar para os ciúmes. Jamais tentei preencher o vazio que carrego aqui dentro, porque sei que é esse vazio que me leva a descobrir continuamente que somos incompletos, a vida não basta. É esse vazio que nos adverte, a todo momento, que precisamos continuar a palmilhar o desconhecido e construir sentido com nossas almas. Nunca tentei preencher o vazio que, por tanto tempo, você habitou em mim e me ajudou a suportar.

Não controlamos o desejo, eu já te disse tantas vezes. Somos fracos; em alguns momentos, ele nos carrega. Se alguma vez te procurei onde não te poderia achar, a culpa foi da tua ausência ou da sede que eu tinha de ti: tão grande que me vi

tentado a saciá-la em outras fontes. Qual fonte qual nada! Era tão pouco o que de lá brotava... Esses prazeres fugazes foram nada mais que distrações tolas, em nada deslocaram o lugar que você tem em mim. Você bem sabe, mas teima em me punir por um pecado que está mais na sua cabeça que no meu coração. Não há perdão para o que não foi ofensa.

Eu ainda espero por você na livraria, espero pelos seus comentários, espero deitado na cama para retomar a lista interminável dos filmes de arte, cujo sentido nunca consigo alcançar de modo preciso sem a sua voz, espero pelos seus textos, espero pelas suas cartas, espero pela sua volta. As minhas memórias são espera. Sei que há muitos lugares inabitados na sua alma febril, mas espero, por fim, que você não preencha o meu lugar vazio com qualquer um que não seja digno de nós.

Não tenho planos além de fazer o pomar frutificar novamente, o seu pomar. A romãzeira começou a florir novamente, espero que desta vez vingue. Talvez isso seja uma metáfora perfeita da minha vida. Não encontro caminhos para fazê-la seguir e ela vai se acumulando, uma pressão imensa na pasmaceira dos dias. Meu mundo interior continua tão confuso como esse pandemônio que vivemos como pandemia. Sigo lendo um pouco, escrevo cada vez menos. Mantenho o trabalho na repartição em dia. Leio alguma coisa sobre o budismo, segundo o qual a essência

de todas as coisas é o vazio. Isso, de certo modo, me consola um pouco porque o vazio budista é repleto de infinitas possibilidades. Penso até em abraçar o Dharma.

Sim, lembro do seu sorriso largo e cínico, embriagada de prazer, do cheiro do seu sexo escorrendo pelas pernas; lembro do jeito delicado como você tocava as minhas feridas, o mesmo jeito carinhoso como você lambia, chupava o meu sexo e se deixava dominar por ele; lembro o jeito como te puxava os cabelos, açoitava as tuas ancas e depois consolava o teu sofrimento. Está tudo aqui comigo, me sufocando.

Espero a tua volta
no dissipar das mágoas
espero por nós
espero acabar esse fim sem fim
espero o recomeço do começo
espero um vazio pleno de ti.

Do sempre seu,
A. F. P.

**ETERNO BRILHO;
VARANDA DA JUSSARA,
JULHO DE 2017
& JAULA**

CLEITON

FURTADO



ETERNO BRILHO

Quando a caravana passar
(e esquecermos um ao outro:
do beijo e do rosto
do cheiro e do gosto),
talvez tenhamos por que ladrar.

**VARANDA DA JUSSARA,
JULHO DE 2017**

Na avenida vazia
enquanto a brisa
enxuga meus lábios
e eu lembro de um
passado de impossibilidades
o futuro ainda parece
um mergulho num abismo

JAULA

Como manejar
nossos silêncios?

AINDA
S A U D A D E

CAROLINA

TORQUATO



Meu querido A,

Vivo dias desagregados, em um país desagregado, por isso fica difícil dizer alguma coisa que faça sentido ou mesmo que não pareça deslocada da realidade que estou vivendo, aliás que todos nós estamos. Aqui, faz frio e há pouco, aquecida por uma xícara de chá de jasmim, reli sua derradeira carta e não pude conter a emoção que involuntariamente jorrou em minha face. “Vez ou outra, tenho em minhas mãos sambadas seus olhos de algodão”, você escreveu. Não, meu querido, hoje ousou lhe contar, que foi justamente o contrário; “Vez ou outra” eu tinha você ao meu lado, preenchendo vazios ao tocar silenciosamente minhas dores, com seus olhos inquietos e angustiados que deixaram saudade. É exatamente sobre essa ausência que lhe escrevo, tentando tecer algumas palavras acerca deste buraco que carrego junto ao peito, das noites que passo acordada rememorando nossos encontros, turbulentos e viciantes.

Antes de tudo, preciso reconhecer o bem que me fizestes. Não! Nada relacionado a nós ou aos nossos sentimentos, mas a uma parte minha adormecida que foi ao seu encontro, e, atentamente ouviu todas as críticas e sugestões. Refiro-me ao exercício da escrita, tudo aquilo que sou através das palavras, o modo que me exponho ao mundo, o gozo que sinto ao enganar o leitor, quando na

verdade engano a mim mesma. Você foi o responsável por despertar esse desejo adormecido, a imensa necessidade que durante anos esteve guardada e hoje consigo novamente trazer ao papel. Lembro-me de ler seus textos naquele blog e me apaixonar antes mesmo de conhecê-lo. Você não escrevia, era além. Tatuava palavras, impressões, vomitava tudo que há de mais podre em seu ser, hoje sei disso como ninguém. Se você pôde, por que eu não poderia também? E assim comecei, inventei personagens e dei voz a infinitas histórias, uma por uma, que tantas vezes (re)lemos juntos como um passatempo infantil. Hum... teve também os livros, os vários que você me presenteou, inclusive demarcados com seu cheiro, o mesmo que sinto agora ao fechar os olhos. Me embrulha o estômago.

Saiba, meu querido, sinto falta das nossas conversas, sua vasta biblioteca ventilada por aquelas belas janelas que davam para o pomar, suas mãos trêmulas, seu hálito sempre quente e úmido e o eterno despudor ao me tocar ou acariciar meus cabelos. Das músicas que ouvimos, das discussões acerca da bagunça que eu deixava na coleção de cedês, nos lençóis da cama ou por onde passava. Entretanto, tem outra parte minha que “anda” completamente leve e faceira pela sua partida. Nosso convívio trouxe muita dor, tenho que admitir. Nunca entendi sua ânsia em ser desejado, a carência desenfreada por um “rabo de saia”, vazios que se preenchem por outros vazios. Mas, confesso, como disse no início da carta,

estou com saudades! Não tenho mais companhia para ir às livrarias, prostrar sobre autores da moda, discordar acerca de questões literárias, assistir filmes cults, não há mais ninguém para revisar meus textos e tecer inúmeros comentários. Não há mais nada, somente todas as memórias que me tomam em sobressalto.

Adoraria saber seus planos, suas dúvidas sobre a vida, enquanto apressadamente engole a fumaça do cigarro. Às vezes tenho a tentação de continuar nosso “bolero contínuo”, como bem descreve Juan Gutiérrez. No entanto, isso seria ato masoquista de minha parte. Você entende. O seu grand finale não tem perdão, não cairá no limbo do esquecimento. Busque conforto nas lembranças dos nossos bons momentos, como as raras noites que estive ao seu lado sedenta, abraçada e lambuzada pelo seu suor ácido. Lembre-se do meu sorriso largo, atrevido ou do jeito que cheirava seus lóbulos. Do meu olhar pidão atento a sua boca. Das palavras sacanas sussurradas entre os dentes. Anime-se, minha alma sempre estará perto da sua. Nesse momento, apesar do frio, da distância e de todo o resto, meu coração abraça de saudade.

ainda quando te nego te carrego em mim
ainda bem saudade

Sua, B.

SALA DE ESPERA

JULIANA

DIÓGENES



o tempo se desdobra
em zeros
em ausência de esperas
se comprime

o tempo deixou
de ser o nosso
tempo
mas ainda é nosso
nosso tempo

o tempo suspenso feito rede
neste momento
voando alto na varanda
braço caído que se arrasta
no vento, no voo, no tempo
no chão
tempo vai
e volta
feito rede

vai
e
volta

tempo talvez venha
tempo volta, sim
tempo está
e tempo é
novo tempo de espera
sem sala de espera
sem espera

tempo agora
já foi
deixou a espera
eterna
por novos tempos
agora sem sala de espera

o nosso tempo levou a espera

o tempo de espera
que ligava nossos tempos aos dos outros
e o novo tempo
começa sem salas de espera
sem esperas compartilhadas
de tempos suspensos juntos
tempos entre
revistas veja antigas, revistas caras
ou quem
ponteiros pesados do tempo
trim-trim estridente
TVs no mudo
espera sem fim com hora para acabar
esperando sem parecer que
espera
sem ver o tempo sendo
indo
e
vindo
tempo está, o novo,

e agora nenhum de nós
nem o tempo
espera mais em sala de espera
não é o vírus
é o novo tempo

o novo tempo
é inimigo
da espera
paciência

I N C E N D I O S A

Z E T T O



enquanto essa hora aflita escorre
há um céu que nos toca
sem culpa.

distantes,
pelo presente que nos traça.
aportar o fardo dos teus olhos,
quando.

e escrever versos na tua pele:
meu corpo
responde ao teu chamado
porque é franco ao teu
jamais fraco.

venerável. incendiosa.

teus olhos ainda
dançam com fogo?

**TERCEIRA
DE**

ANA

**LEI
NEWTON**

CAROLINA

LIMA



Pré-fim do mundo
A vida era repleta de vida
Vida vivida no piloto automático

A rotina era a principal culpada por devorar nossos momentos juntos
Durante a quarentena, finalmente somos donos de nossos relógios
Por isso, foi necessário acrescentar novas desculpas ao nosso repertório

Nesse período, descobri que a pior distância não é geográfica
É deitar ao teu lado e não sentir o teu calor
Afinal, acostumei-me a tu nunca estares bem

Espero uma pausa de nossa simbiose
Transbordo como uma represa
Toco a minha música
Quiçá te espero até o próximo baile

VANESSA DIEHL é professora de português e mãe do Max e do Florian. Formada em Letras e em Língua Alemã pela UFC, vive há quinze anos na travessia entre o caos alegre do Brasil e o frio comportado da Alemanha e perde-se sempre que tenta escolher onde deve ancorar. Atualmente mora no país europeu, mas o coração não se desapega dos trópicos, e é por isso que o seu terceiro conto publicado não deixa de ser também uma declaração de amor à cidade onde nasceu.

MAÍRA BOSI nasceu no Rio, cresceu no Ceará e virou adulta em São Paulo. Tem raízes e corações espalhados por todos esses lugares - e também por outros. É apaixonada pelo tema da memória, fascinada pela Lua e sempre mais feliz depois de dançar. Formada em Comunicação Social e em Audiovisual e mestre em Comunicação e Cultura, sabe que palavras e imagens têm força, poder e magia.

PAULA COSTA é mineira, exagerada, colecionadora de conversas alheias e sonhos, escreve sobre tudo que lhe toca.

JÉSSICA GABRIELLE LIMA nasceu e criou-se em Fortaleza (CE). Mergulha de corpo livre e de coração aberto. Estudou letras e outras quinhentas coisas, faz playlists inacabadas, arquiteta planos e não sabe lidar com números. Adora dividir o café com as amigas. Trabalha como revisora, diagramadora e ilustradora da *Aliás Editora*, na qual é cofundadora. A *Aliás*, além de ser seu parque de diversões, busca valorizar o papel fundamental da mulher na construção potencialidade de territórios mais livres e justos.

CAIO BALAIO é poeta natural de Fortaleza, Ceará, estudante do curso de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade Federal do Ceará (UFC), professor de Língua Portuguesa, Literatura

e Redação, revisor e bolsista do *Grupo Verso de Boca* (UFC). Já publicou seus poemas em diversas antologias, como *Revista Tremembé* (2020), *Prelicatuseria* (2020) - esta organizada pela poeta Nina Rizzi - e *A carta que nunca chegou: reunião de poemas e prosas* (2021). Em seus poemas, podemos encontrar expressões da vivência LGBTQIA+ no nordeste brasileiro, atravessando as cidades, as violências e os erotismos em torno de corpos dissidentes. Também é possível encontrar seu trabalho no Instagram: @caio_balaio.

TERESA ROSA nasceu da voz de uma criança no samba candango. Neta de Pernambuco com Minas Gerais é filha do mundo, carregando seus antepassados no corpo e no nome. Em 1996, nasceu em Barbacena, cidade dos loucos e das rosas. Por uns anos, passou seus domingos nos gramados de Bruxelas e hoje vive no pé das montanhas petropolitanas, onde sempre tem algum lugar mais alto que você e muito verde. Como boa mineira, sempre acompanhada de um bom café preto, se alimenta da potência das cinco estrelas de seu ninho e do amor rasgante que é viver nesse mundo louco.

MARIANA GODOY (1996) é autora do livro *O afogamento de Virginia Woolf* (Editora Patuá, 2019) e da plaquete *Trasgo nas masmorras* (Editora Primata, 2021).

BEATRIZ FRANÇA é escritora contista e cronista, chefe de produção na *Smart Marketing*. No campo literário, dedica-se a retratar o óbvio de uma forma diferente e traduzir o diferente como semelhante. Nas horas vagas, gosta de escalar, beber boa cerveja gelada e estar perto de quem ama.

ANTONIO JARBAS é fortalezense. Estuda arquitetura e urbanismo, trabalha como arte educador e escreve poesia.

LARA ROVERE, embora na certidão conste Costa de Oliveira. Filha de gaúcho com piauiense, nasceu no Ceará, com sol em touro, ascendente em fome e a cabeça lá na lua, volta e meia pedida em um rolê. Tem uma filha, algumas cicatrizes, um repertório de caras e bocas - também conhecido como mungango, palavra que adora, inclusive - e um bocado de texto parido de parto natural. É jornalista, cronista e narradora-observadora dos encontros (atua como celebrante de ritos de passagem). Escreve sobre tudo e, sobretudo, sobre aquilo que a toca.

FELIPE SARAIVA é cearense de Fortaleza. Formado em Comunicação Social, trabalha atualmente como redator. Tem poemas publicados em antologias e revistas digitais e três gatos. Escreve e fotografa pelas brechas. Blog: <https://medium.com/@felipesaraivv>

ELISA PORTO é atriz, pesquisadora, diretora, performer, caça palavras. Bacharel em artes cênicas, permeia as diversas linguagens da arte em trabalhos que envolvem teatro, áudio visual, música, performance e literatura.

KLAUSNEY MUNIZ nasceu e nasce todo dia em Fortaleza, Ceará. Faz mestrado em Linguística Aplicada (UECE), mas também é pesquisador das coisas miúdas do cotidiano. Gosta de gente e de texto que sabe ser gente. Quando crescer, quer ser uma biblioteca ambulante.

JANAINA FELLINI é musicista, jornalista e cuidadora de úteros de outras mulheres pelo mundo. Colunista do programa *Na Ponta da Agulha*, vez ou outra, atravessa algum portal literário e, só então, escreve. Sagitariana, coleciona conchas, detesta frio, mora em Curitiba e de quando em quando sobe montanhas ou mergulha no mar. Balas de goma, primeiro as vermelhas, depois as cor de uva. Pratica yoga e diz sim, pelo menos uma vez ao dia.

MEL ANDRADE é artista visual, pesquisadora e arte-educadora. Mestranda no PPGARTES - UFC e licenciada em Artes Visuais, tem trabalhos em fotografia, audiovisual, performance e desenho nas relações com a memória, infância, autoficção, imaginação e ancestralidade. Participou de diversas exposições coletivas como o 71º *Salão de Abril*, a 2ª Exposição Coletiva do projeto *Os Pensamentos do Coração* [2019], a exposição *Bem Me Quer Mal Me Quer*, no CCBNB - Fortaleza [2018], e do *Encontros de Agosto* [2013].

CAMILA LOSIMFELDT é historiadora, pesquisadora iconográfica e poeta do acaso. @camilallv

LUCAS GROSSO é autor dos livros *Nada* (Patuá, 2019) e *Hinário Ateu* (Urutau, 2020). Escreve com regularidade para as revistas *Úrsula* e *Subversa* e já publicou em outras como *Mallarmargens*, *7faces*, *Zunâi* e *Ruído Manifesto*. Também mantém o blog *Lucas Grosso, destruidor de cenários* (lucasgrosso.blogspot.com/) Instagram @lucasgrossooficial.

BEATRIZ CALDAS, a poeta que quer voar fora das asas, nasceu em Fortaleza/CE e é escritora e mestranda em direito constitucional. Tem poemas publicados em blogs, zines, revistas literárias e faz parte da equipe de poetisas do portal *Fazia Poesia*. É autora do ebook de poesias eróticas *Delírios* (2020) e coautora da antologia poética *Procura-se a Mulher* (2020), do ebook *A carta que nunca chegou* (2021) e do ebook *Anoitecimentos* (2021). Seus poemas voam pelo mundo por meio do Instagram @palavrenia

NAGIBE MELO é juiz federal, professor e escritor. Autor dos livros *O Amor*, *A Vida* e *Os Dias: 50 poemas e um breviário* e *Beleza na Ponta da Faca* (no prelo). Mantém à minguá o bissexto blog *Poesia aos Poucos*: www.nagibejorge.blogspot.com

CLEITON FURTADO (Sobral, 1996) é engenheiro civil e escritor.

CAROLINA TORQUATO é contista, advogada e doutoranda em direito constitucional. Escreve desde adolescente e possui alguns contos publicados. Recentemente voltou a fazer poemas e a passear por outros gêneros literários. É mãe do Nando, sua fonte inesgotável de inspiração e alegria.

JULIANA DIÓGENES precisou de 10 anos como jornalista para entender que a palavra é a melhor vereda para despertar os sentidos. Nasceu em Fortaleza, fez-se adulta no concreto paulistano e hoje se busca em Portugal. Especialista em jornalismo literário, é mestranda em Educação. Acredita que a beleza está no movimento de ser muitas na vida, saber ouvir os outros e perceber a própria respiração para saber-se vivo. Publicou o livrorreportagem *IJF: histórias despercebidas de um hospital* (Editora UFC, 2013). Mantém o julianadiogenes.medium.com.

ZETTO nasceu em Fortaleza, é poeta antes de se tornar advogado. Em 2020, lançou seu livro de estreia *Ave Poesia* (Editora Substância). Foi selecionado para participar da Antologia Poética do *II Festival da Poesia de Fortaleza* de 2019 e para a Antologia *Fissura* da editora Nadifundio (2020). Participou dos Grupos Literários *Apple* e *Eufonia* em Fortaleza. É sócio fundador do *Instituto Brasileiro de Direitos Culturais*. Hoje assina seus textos como zetto.

ANA CAROLINA LIMA, Carolina, que não gosta de ser chamada de Carol, reinventa-se e todos os dias toma suco de laranja com seis cubos de gelo.

Fortaleza,
Maio de 2021

nadifundio.com/intervalo

